

Problemas podem ter diagnóstico difícil

Confundir sintomas de distúrbios visuais e auditivos com distração ou vontade de chamar atenção não é privilégio de pais desacostumados a lidar com crianças ou que não dominam assuntos da área de saúde. Apesar de sua formação profissional exigir atenção especial para essa área, a professora Dircinéia Dregandino, de 38 anos, teve dificuldades em detectar problemas com seus dois filhos. O mesmo ocorreu com a psicóloga Elisabeth Antonelli Gaiarsa.

"Em casa, exercemos a função de pais, não é possível ser profissional", explica Dircinéia. Há quatro anos, quando voltou de férias no Guarujá, sua filha mais velha, Deborah, teve rinite alérgica e amigdalite. Pouco depois, a menina — com 9 anos na época — apresentou uma infecção no ouvido. "Quando terminou o tratamento com o pediatra, achei que o problema estava resolvido."

Passados alguns meses, Deborah começou a se queixar de dificuldades para ouvir. A mãe atribuiu as reclamações ao desejo da menina de ganhar mais atenção. "Aos poucos, percebi que ela podia mesmo estar com algum distúrbio", diz. Ao consultar o otorrino, foi constatado que Deborah estava com otite média secretora e que o ouvido esquerdo havia perdido 20% da capacidade auditiva. Deborah foi submetida a um tratamento de um ano. "Mas a audição perdida não foi recuperada."

Este ano, as dúvidas ocorreram com o filho mais novo de Dircinéia, Doan, de 11 anos. No início do segundo semestre, o menino perdeu o interesse pelo estudo. "Com frequência a professora chamava a atenção de Doan por causa das conversas com os colegas." Como as advertências não tinham

sucesso, o menino sempre era chamado para mudar de carteira. "Achei que esse comportamento fosse provocado por distração ou preguiça", lembra a mãe.

No entanto, como o rendimento escolar havia piorado bastante e as advertências não surtiavam efeito, Dircinéia resolveu recorrer a um oftalmologista. "Descobrimos que ele estava com miopia e astigmatismo." A mãe afirma que, depois que Doan começou a usar óculos, todos os problemas foram resolvidos. O interesse voltou, o comportamento e o rendimento escolar melhoraram.

A psicóloga Elisabeth também encontrou dificuldades em perceber que seu filho, Mário, estava com audição afetada. O menino desde pequeno apresentava problemas de adenóide e amígdalas aumentadas. "Os distúrbios por algum tempo passaram despercebidos", conta a mãe.

Ao completar um ano e oito meses, no entanto, Mário parou de falar, começou a ficar atrapalhado, alheio aos acontecimentos e bastante desobediente. "Na época, era muito difícil impor limites."

Dois meses depois do início da alteração de comportamento, Elisabeth percebeu que ele não atendia seus chamados quando estava deitado de lado. "Consultamos um otorrino e descobrimos que ele estava com a capacidade auditiva reduzida, por causa de uma otite média secretora." Passado algum tempo, Mário foi submetido a uma cirurgia. No entanto, até hoje o menino sofre as consequências da dificuldade de audição por que passou. Aos 4 anos, sua fala ainda não é perfeita. "A família nos cobrou muito a demora, mas é muito difícil detectar o problema logo quando ele aparece", desabafa Elisabeth.

ATÉ PROFISSIONAIS PODEM TER DIFICULDADES EM PERCEBER DISTÚRBIOS NOS FILHOS